

IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DA MULHER NEGRA: ANÁLISE DO CONTO ISALTINA CAMPO BELO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

*Sociodiscursive imaginaries of the black woman: Evaristo Conceição's Isaltina
Campo Belo tale analysis*

Avanete Pereira Sousa

 <https://orcid.org/0000-0003-0782-9295>

Emanuela de Souza Cordeiro

 <https://orcid.org/0000-0001-8074-2423>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória da Conquista, BA, Brasil. 45083-900 – ppgcel@gmail.com

Resumo: O espaço da mulher negra na sociedade tem sido construído a duras penas e o modo como ela é representada nos meios de produção cultural colabora para a manutenção de estereótipos e concepções reducionistas da sua real personalidade. Conceição Evaristo, por meio de uma escrita literária engajada, não só abre espaço para que seja ouvida a voz das mulheres negras, como também as dignifica, humaniza. A partir de estudos bibliográficos e do arcabouço teórico-metodológico da Semiologia, do linguista francês Patrick Charaudeau, procedemos com a análise do discurso do texto *Isaltina Campo Belo*, um dos 13 contos constantes no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), que é totalmente protagonizado por mulheres. O conceito de imaginários sociodiscursivos foi mobilizado e a análise demonstrou que o texto literário da citada autora revela e ressemantiza, ao mesmo tempo, os imaginários que habitam a memória coletiva da sociedade brasileira. O *corpus* de análise constituiu-se, além do conto, de elementos paralinguísticos, como textos nos quais Conceição Evaristo explica seu estilo de escrita, a “escrevivência”, textos que abrangem teorias concernentes ao feminismo negro e interseccional, além do conceito de representações sociais, de Serge Moscovici, e de literatura engajada.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Imaginários sociodiscursivos. Feminismo negro. Mulher negra. Patriarcado.

Abstract: The position of the black woman in society has been hard set up and the way she is represented in the cultural production contributes to the maintenance of stereotypes and reductionist conceptions of her real personality. Conceição Evaristo, through engaged literary writing, not only paves the way for the voice of black women to be heard, but also dignifies and



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

humanizes them. Based on bibliographical studies and the theoretical-methodological framework of Semiolinguistics, by French linguist Patrick Charaudeau, we proceeded with the discourse analysis of the text *Isaltina Campo Belo*, one of 13 tales in the book *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (women unsubmitive tears) (2011), which is totally starring women. The concept of sociodiscursive imaginary was mobilized and an analysis showed that the author's literary text reveals and recreated the imaginary that inhabits a collective memory of Brazilian society. In addition to the tale, the corpus of analysis consisted of paralinguistic elements, such as texts in which Conceição Evaristo explains her writing style, “escrivência” (writing based on day by day life), texts that cover theories concerning black and intersectional feminism, in addition to Serge Moscovici’s concept of social representations, and engaged literature.

Keywords: Conceição Evaristo. Sociodiscursive imaginary. Black feminism. Black woman. Patriarchy.

Introdução

O modo como a maior parte dos agrupamentos humanos foi sendo engendrado tomou como base um modelo de organização social pautado no patriarcado. Este, como forma de organização política, econômica, religiosa, social é baseado na ideia de autoridade e liderança do homem. Segundo Dolores Reguant (apud GARCIA, 2015, p. 17), o patriarcado surgiu a partir “da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível”. Em decorrência disso, o lugar de voz da mulher sempre foi um lugar de opressão e silenciamentos. A mulher negra, por sua vez, vivenciou e vivencia esse espaço opressor com o agravante do preconceito racial, sendo representada, historicamente, por meio de imagens e discursos que a coisificam, desqualificam sua feminilidade e até mesmo sua humanidade.

Anna Cooper (apud HOOKS, 1981, p. 5), discorrendo acerca do Estatuto das Mulheres Negras, diferencia o tipo de luta enfrentada por mulheres negras e brancas, afirmando que a “mulher branca pode ao menos alegar para si a sua própria emancipação; já as mulheres negras, duplamente escravizadas, podem senão sofrer, lutar e ser silenciosas”. A questão é que o movimento negro lutava pela emancipação do homem negro, e não da mulher negra. Os homens negros esperavam que as mulheres negras se ajustassem a um papel de um modelo sexista. Nas palavras de bell hooks (1981, p. 5), “eles exigiram que as mulheres negras assumissem uma posição subserviente”.

Esse contexto nos revela que o espaço da mulher negra na sociedade tem sido construído a duras penas e que o modo como ela é representada nos meios de produção cultural colabora para a manutenção de estereótipos e concepções reducionistas da sua real personalidade. A literatura, que se constitui como uma das tantas formas de manifestação de valores, crenças, regras e mitos, é um reconhecido espaço para (re)produção de imagens e discursos que conduzem ao modo como as mulheres negras podem/devem ser vistas e, conseqüentemente, tratadas.

Para Leenhardt (1998, p. 265), o texto literário teria sua significância social “pelo fato de

se constituir como um importante meio de que dispõe o indivíduo para estabelecer suas relações imaginárias com os demais componentes do grupo ao qual pertence”. Desse modo, a literatura não pode ser vista de forma apartada da sociedade, já que se apresenta como produto social de uma época, possuindo, desse modo, uma função social. O texto literário é um importante espaço para a manifestação de imagens e discursos, sendo possível, através dele, a disseminação de ideias e de representações sociais.

Na literatura brasileira, as mulheres afrodescendentes vêm sendo representadas a partir de concepções marcadamente estereotipadas, o que acaba por reforçar preconceitos. Logo, existe a necessidade de uma escrita literária que rompa com essas concepções, visto que, uma escrita assim, pode ser considerada como um importante mecanismo de emancipação dessas mulheres, a fim de que elas não sejam vistas apenas sob as óticas do racismo e/ou do sexismo.

No contexto da produção literária brasileira da contemporaneidade, uma escrita de autoria negra tem se destacado: a da escritora Conceição Evaristo. Sua obra permeia espaços onde se evidencia a importância do estudo das relações étnico raciais. A autora reivindica para si um lugar de fala que a coloca numa posição de legitimidade discursiva, visto que escreve a partir de sua “escrevivência”, termo cunhado por ela mesma, cujo conceito se constrói com base em sua experiência de vida e sua posição no mundo. Isto é, uma escrita produzida a partir de um lugar de enunciação “que é [...], sobretudo, o da vivência da experiência narrada e o quanto essas escritas negras e femininas encontram-se embaralhadas na tênue linha que tenta separar [...] a realidade vivida, da ficção sonhada” (CORDEIRO; BARBOSA, 2015, p. 2).

A constituição do conceito de escrevivência se embasa numa prática de produção escrita, conforme as palavras da autora, “contaminada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO apud DUARTE, 2010, p. 15). Ou seja, sua obra literária manifestará sua visão de mundo a partir das suas experiências pessoais. Seus enredos misturarão ficção e realidade e suas personagens estarão ancoradas em perfis possíveis de serem vistos no cotidiano. Trata-se de uma escrita que se funde com a própria vida, ou como ela mesma diz no prefácio de um de seus livros: “Estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (EVARISTO, 2016, p. 7).

A obra literária de Evaristo extrapola a beleza inerente ao seu fazer artístico ao propor uma produção textual circunscrita no campo da literatura engajada. Esta pode ser definida como “[...] um fenômeno historicamente situado, que o associam geralmente a figura de Jean-Paul Sartre e à emergência, no imediato pós-guerra, de uma literatura passionalmente ocupada com questões políticas e sociais, e desejosa de participar da edificação de um novo mundo” (DENIS, 2002, p. 17). Nesse sentido, por meio da escrevivência, a autora revela uma consciência crítica de uma realidade instalada no contexto social brasileiro, e produz uma escrita pós-colonial, política e socialmente situada, visando a uma quebra dos paradigmas instaurados na cultura que colocam à margem os afrodescendentes, sobretudo, as mulheres.

O livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, cuja primeira edição se deu em 2011, reúne 13 contos protagonizados por mulheres. Nele, Conceição Evaristo dá voz a diversas

personagens negras que contam suas histórias, revelando resiliência perante os diferentes desafios e sofrimentos enfrentados ao longo de suas trajetórias de vida. São enredos que, além de revelarem existências, mostram re-existência, visto que todas as personagens precisaram lograr recomeços, tamanhos foram os embates aos quais tiveram que se insubmeter.

É possível encontrar em cada enredo dos contos, no mínimo uma temática alusiva às lutas das mulheres negras na contemporaneidade. Essas temáticas encontram-se muito bem definidas no feminismo e no feminismo negro inclusive constituindo-se como pautas. A título de exemplo, podemos citar o problema da violência contra a mulher, o racismo, o patriarcado dominante, o abandono, entre outros. A questão da homoafetividade, que tem sido bastante debatida nos nossos dias, sobretudo devido ao crescente número de ataques de natureza homofóbica, também tem espaço na escrita dessa autora que tanto problematiza, quanto denuncia essas práticas que inviabilizam uma vida digna, humanizada, a essas mulheres. O conto em questão é o *Isaltina Campo Belo* e será ele o nosso objeto de análise.

A problemática a ser observada é, portanto, de que maneira a escrita de Conceição Evaristo aborda os imaginários sociodiscursivos da mulher negra por meio do texto literário. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico-metodológico a Semiologia, do linguista francês Patrick Charaudeau, bem como teorias pertencentes à crítica feminista e feminista negra, por se tratar de uma escrita feminina politicamente situada. O uso da teoria Semiológica se justifica por ela estudar ou analisar discursos sociais. Pois, como afirma Machado e Mendes (2013, p. 3) no artigo “A análise semiológica: seu percurso e sua efetiva tropicalização”, “sempre levamos em conta, ao praticá-lo, das atitudes do sujeito-comunicativo face ao seu discurso, face ao mundo que o rodeia (o social) e face ao outro a quem a comunicação é dirigida”, e essa postura dialoga com o conceito de escrevivência. Assim, empregar uma teoria que leva em consideração os discursos sociais favorece a interpretação de uma escrita que também visa a essa contextualização.

Definição do *corpus* de análise

A materialidade linguística é uma produção escrita, o conto *Isaltina Campo Belo*. O *corpus*, quanto à sua importância e valor de representatividade, é parcial e aberto. É parcial, porque é constituído de uma pequena parcela da obra produzida pela autora, sendo, desse modo, apenas um recorte. É aberto, porque permite múltiplas interpretações, bem como a visualização de diferentes temáticas.

Para que a análise dessa materialidade seja realizada, serão necessários, além do conto, elementos paralinguísticos, como textos que abordam o conceito de “escrevivência”, que abranjam teorias concernentes ao feminismo negro, e o conceito de representações sociais, de Serge Moscovici, conceito este utilizado pelo próprio Charaudeau quando busca definir o que são os imaginários sociodiscursivos.

A construção de um *corpus* em análise do discurso pela teoria Semiológica, segundo Charaudeau (2006) se dá a partir de um posicionamento teórico ligado a um objetivo de análise, chamado na teoria, de problemática. A problemática em que se insere esse *corpus* pode ser

classificada como representacional e interpretativa. Visto que o que se busca com essa análise é investigar de que maneira a escrita de Conceição Evaristo aborda os imaginários sociodiscursivos da mulher negra por meio do texto literário, essa problemática é representacional, pois o objeto de estudo “é definido através das hipóteses de representações sociodiscursivas que se supõem dominantes num dado momento da história de uma sociedade e que caracterizam um determinado grupo social” (CHARAUDEAU, 2006, p. 6). E é interpretativa, porque “é necessário formular, de início, uma hipótese sobre o que são os posicionamentos em relação com as práticas discursivas e os tipos de sujeitos que se acham ligados a tais posicionamentos e práticas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 6). Isto posto, a principal hipótese que levantamos é a de que, ao dar voz a personagens femininas negras em seus contos, concedendo dignidade literária às suas histórias, Conceição Evaristo revela os imaginários sociodiscursivos que (ainda) se tem da mulher negra no Brasil, ressemantizando-os ao propor novas formas de pensar e enxergar essa mulher; o que faz reverberar princípios que se inserem num conjunto de imagens e discursos associados ao feminismo negro em suas expressões correntes no Brasil contemporâneo.

Entendendo a formação dos imaginários sociodiscursivos

Para que seja possível procedermos com a análise do conto, será necessário compreender o conceito de imaginários sociodiscursivos no âmbito da teoria Semiolinguística. Desse modo, procederemos com uma breve abordagem teórica. Para início de conversa, antes de se falar em imaginários sociodiscursivos é preciso evocar o conceito de estereótipos, visto que existem relação entre eles. Os estereótipos são imagens cristalizadas pelos sujeitos e que determinam, em maior ou menor grau, a forma de sentir e agir dos indivíduos; “são como pontes na relação do sujeito com o mundo, com o real, e dos sujeitos entre si” (DE MELLO, 2012, p. 5-6). De fato, como afirma Ruth Amossy (2015, p. 125-126),

A estereotipagem [...] é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior do qual ela o classifica.

Charaudeau (2017, p. 572) afirma que a ideia que se tem de estereótipos está no mesmo campo de significação dos “clichês”, dos “chavões”, dos “preconceitos”, dos “lugares comuns”. O que essas palavras têm em comum é que elas “dizem respeito àquilo que é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade), e descrevem uma caracterização julgada simplificadora e generalizante”. Além disso, todos esses “termos são portadores do traço da suspeita quanto à verdade do que é dito”.

Devido, portanto, à natureza ambígua do conceito de estereótipos, Charaudeau opta, em sua teoria, por uma nova conceituação, a qual chamará de imaginários sociodiscursivos. O linguista partirá do conceito de “representações sociais”, proposto por Serge Moscovici, que atua na Psicologia Social. Charaudeau (2017) explica que as representações sociais se manifestam como mecânica de construção do real, visto que essas representações são um modo

de tomar conhecimento do mundo socialmente partilhado. Isto posto, o autor conclui a formalização do conceito de imaginários sociodiscursivos a partir das representações sociais admitindo a existência de “‘representações partilhadas’, noção fundadora da atividade da linguagem, que repousa sobre a ideia da adesão de membros de um grupo aos valores comuns, que seria consenso para que pudessem se comunicar” (CHARAUDEAU, 2017, p. 575).

A partir daí, o autor apresenta a noção de imaginários sociodiscursivos que será tomada pela semiolinguística, a saber:

Uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. [...] resulta da atividade de representação que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578-579)

Segundo o autor, esses imaginários se estruturam em saberes de conhecimento e de crença. Os saberes de conhecimento “tendem a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Uma verdade que existe fora da subjetividade do sujeito, ou que ao menos foi instalada no exterior do homem” (CHARAUDEAU, 2017, p. 581). Ou seja, são aqueles ditos neutros, objetivos, impessoais. Esse processo de construção do saber de conhecimento dá lugar a dois tipos de saberes: o saber científico e o saber de experiência. O saber científico é o que passa por um processo de construção que vai desde a elaboração de um método, a um rigor de análise que busca se embasar tanto em uma teoria previamente elaborada racionalmente, como também em experiências e cálculos, o que lhe confere alto grau de legitimidade. Por sua vez, o saber de experiência “constrói igualmente explicações sobre o mundo que se aplicam ao conhecimento do todo, mas sem nenhuma garantia de serem provadas: não possui procedimentos particulares nem instrumentos” (CHARAUDEAU, 2017, p. 582). Já os saberes de crença estão associados a “avaliações, apreciações, julgamentos a respeito dos fenômenos, dos eventos e dos seres do mundo, seu pensamento e seu comportamento”. Ou seja, o saber de crença surge do olhar do indivíduo, da sua perspectiva de análise.

O saber de crença também dá lugar a dois tipos de saber: o saber de revelação e o saber de opinião. O saber de revelação “supõe a existência de um lugar de verdade exterior ao sujeito”; por essa verdade não poder ser verificada e comprovada, ela exige adesão do indivíduo, que crê nessa ideia independentemente de ela poder ser comprovada ou não. Os saberes de opinião estão associados à ideia de se tomar partido, bem como a um julgamento a respeito dos fatos do mundo e, “como no saber de crença, nele não é o mundo que se impõe ao sujeito, mas o sujeito que se impõe ao mundo” (CHARAUDEAU, 2017, p. 583-584).

A opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é, então, ao mesmo tempo pessoal e partilhado, e é por isso que não pode ser discutido. E, mesmo quando aparece sob uma enunciação generalizante, como no caso dos provérbios, máximas e ditados, o sujeito sabe que esse saber é discutível, como prova o fato de que a todo provérbio responde um contraprovérbio. (CHARAUDEAU, 2017, p. 584-585)

É, pois, a partir do conceito de imaginários sociodiscursivos de Charaudeau, e dos tipos de saberes em que estão embasados, que é possível compreender e discutir os imaginários construídos em torno da mulher negra que a colocam em posição de subalternidade. Os rótulos colocados nessas mulheres, caracterizando-as como servis, ou extremamente sexualizadas, ou, ainda, incapacitadas de desenvolver qualquer tipo de atividade intelectual dão forma a esses imaginários, cuja constituição se deu a partir das condições históricas dessa mulher na sociedade brasileira no período colonial, que tinha a família nuclear/patriarcal e a escravidão como base de estruturação social. Alguns desses imaginários encontram-se explícitos em falas históricas e memoráveis, como na frase de Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, apresentada pelo autor como um ditado popular, em sua época: “mulher branca para casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar” (FREYRE, 1998, p. 48).

Com relação à representação da mulher negra, a feminista afro-brasileira Núbia Moreira (2011) afirma que a visão do brasileiro sobre mulheres negras obedece a um padrão de sexualização do corpo que vem sendo repetido desde os séculos iniciais da colonização. Consoante com essa afirmação, no século XVII, ainda que na boca de um poeta e sob a forma de poema, Gregório de Matos destaca e enfatiza a lascividade do corpo negro das mulatas da Bahia (MATOS, 1992). A imagem da mulher negra na poesia satírica barroca de Gregório de Matos é prenhe de qualidades pejorativas. Ainda que, por vezes, a mulata tenha a sua beleza enaltecida, tal qualificativo está sempre aliado à ideia de lascívia; a mulata também é apresentada pelo poeta como bonita e invejosa. Por seu turno, a mulher de pele totalmente escura, geralmente africana, é tida como feia, encrenqueira, dada à luxúria e submissa (GRILLO, 2013). Ou seja, as mulheres negras são sempre representadas a partir de uma ótica pejorativa, que as reduz a personalidades superficiais e desprovidas de potencialidades, ou capacidade de raciocínio, o que, automaticamente, inferioriza sua humanidade.

O conto *Isaltina Campo Belo*: uma análise possível

Segundo Charaudeau (2017, p. 579), “os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento correntes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação, da ação social e se depositando na memória coletiva”. Está na memória coletiva do povo brasileiro, por exemplo, a concepção de que a mulher negra é heteronormativamente sensual. Por meio dessa concepção de sexualização do corpo não se leva em consideração, apesar de se saber da existência, as mulheres negras lésbicas. Ao trazer as dores e os sentimentos mais profundos de uma mulher negra lésbica, Conceição Evaristo rompe com esse imaginário de heterossexualização da

mulher negra.

Em *Isaltina Campo Belo*, Evaristo nos apresenta uma mulher que acreditava que dentro de si habitava um homem. Trata-se de um conto que traz à tona uma realidade não discutida, invisibilizada nos textos literários produzidos pelos autores consagrados, já que na literatura engajada, existe uma tendência a se “fugir dos modelos canônicos em certos tipos de textos que ressaltam o que costuma se chamar de literatura de ideias” (DENIS, 2002, p. 80). Além disso, o conto trará a foco a intersecção raça, gênero e sexualidade, o que é bastante refletido nas discussões atuais quando se fala no entrecruzamento de opressões.

A protagonista do conto, cujo nome é o próprio título, é uma mulher que na infância não se via como tal e se ressentia dos familiares, sobretudo da mãe, por não perceberem que ela era na verdade um menino, conforme pode ser visto no excerto abaixo:

Desde menina – assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos – eu me sentia diferente. Nascida após um menino e uma menina, tive uma infância sem muitas dificuldades. (...) Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. **Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam da maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino.** O que mais me intrigava era o fato de minha mãe ser enfermeira e nunca ter percebido o engano que todos cometiam. Ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam cometer o erro que estavam cometendo. (EVARISTO, 2016, p.59, grifo nosso)

A dúvida que perseguia Isaltina não era uma simples dúvida infantil. Essa criança não conseguia se reconhecer entre os seus, já que os papéis sociais impostos a ela não eram os que ela compreendia como sendo seus. Está posto aí um sério problema de identidade. Questões em torno dos processos de construção da identidade têm frequentemente sido abordados por inúmeros teóricos na contemporaneidade, devido à complexidade do tema. Stuart Hall (2011), como um grande expoente na temática, afirma que hoje não é possível mais falar em identidade, mas em identidades, ou em identidades fragmentadas, já que é possível constatar que elas não são fixas, estáveis, definidas simplesmente por fatores biológicos, mas são construídas socialmente por meio diferentes determinantes.

Os imaginários sociodiscursivos em torno das mulheres negras encontram-se ainda cristalizados em modelos tradicionais do pensamento, que postulavam a existência de identidades rígidas. No entanto, “as velhas identidades que eram tidas como estabilizadas, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, o qual, até aqui era visto como um sujeito unificado, mas que agora, vem tendo suas identidades transformadas continuamente” (HALL, 2011, p. 7). Nesse sentido, a mulher afrodescendente com orientação sexual lesboafetiva, como a personagem Isaltina Campo Belo, possui tripla identidade, visto que habita, simultaneamente, três distintos espaços sociais. No entanto, a consciência dessa condição, a personagem só conseguiu obter na fase adulta, após passar por inúmeros processos emocionais, psíquicos e sociais.

Isaltina conta que aos seis anos teve uma crise de apêndice. Ela foi encaminhada ao

hospital e faria a cirurgia que resolveria seu problema de saúde. Mas, enquanto todos se preocupavam em acalmá-la, visto que passaria por uma intervenção cirúrgica, a criança só se alegrava ao pensar que o médico descobriria que ela era um menino e assim contaria a todos, tirando de sua alma a dor de se ver ser tratada como algo que não era. Entretanto, o desfecho dessa história não foi como o esperado por ela, pois o médico a cumprimentou após a cirurgia, elogiando seu comportamento de menina corajosa. A dor de decepção de Campo Belo se agravou ao ver a mãe sorrir e corroborar a fala do médico, como se pode constatar na seguinte declaração: “Odiei minha mãe naquele momento, achei que ela não podia agir comigo daquela forma” (EVARISTO, 2016, p. 59).

Isaltina Campo Belo crescia e não aparecia com namorados. Ela conta que aos vinte e dois anos nunca havia experimentado uma paixão, que amarrava seus desejos por outras meninas e fugia dos meninos.

Sobrinho (2015, p. 86), analisando aspectos da violência simbólica presente em diferentes contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, chega à conclusão de que a violência simbólica imposta pela difusão do imaginário heteronormativo, “um dos braços do patriarcado”, tornava a personagem Isaltina Campo Belo confusa quanto à sua identidade de gênero, levando-a a “amarrar” seu desejo, a contê-lo e a fugir do sexo masculino. “Na verdade Campo Belo não era um menino em um ‘corpo errado’, como são os transexuais e as transexuais. Era uma menina homossexual [...]”. Todavia, adotava até então um estilo de vida consoante à norma hegemônica, robustecendo imaginários sociodiscursivos carregados de axiologias negativas oriundos de uma organização social pautada na heteronormatividade.

Quando a narradora aborda essa fase da vida de Isaltina, é possível notar por meio de uma fala, mais um imaginário sociodiscursivo sendo revelado e ressemantizado:

Tinha eu meus vinte e dois anos sem nunca ter experimentado uma paixão, um afago, uma ilusão de amor qualquer. Nem platônica. A cada pergunta de minha mãe ou de alguém de minha família sobre a existência de um possível namorado, mesmo eu jurando que nem em desejos essa pessoa existia, todas as pessoas, normalmente, desacreditavam de minha resposta negativa. E as justificativas para essas descrenças eram sempre as mesmas. **Como uma jovem tão inteligente, tão bonita, tão educada, tão e tão como eu**, podia estar sozinha... Inexplicável. (EVARISTO, 2016, p. 62, grifo nosso)

O trecho destacado é o que rompe com o imaginário de que mulheres negras não são criadas para serem tão inteligentes, tão educadas, tão e tão, porque elas só servem para o trabalho, para a servidão. A ênfase nas qualidades da jovem negra, inclusive na beleza que esta possuía, propõe novas formas de ver a mulher negra, propõe outro imaginário a ser construído, reiterado e reforçado. Por outro lado, é viável também outra leitura. Ao nos atermos à frase, é possível notar que se trata de uma crítica suavizada por elogios. A frase é irônica, escondendo insinuações: ou a moça não queria revelar a verdade a todos, que namorava em segredo, ou, na verdade, o segredo era que não se interessava por rapazes, afinal, com tantas qualidades, era “inexplicável” ela não namorar ninguém.

O trecho seguinte continuará a narrar as angústias pelas quais passava a protagonista por

ser uma mulher em conflito com sua sexualidade.

Eu era uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim. Tudo desconhecido, nada experimentado no campo amoroso. [...] até que um dia um colega de faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. [...] Um dia em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a me palpitar por dentro e por fora, falei de minha vida até ali. Falei do menino que eu carregava em mim desde sempre. **Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher.** E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2016, p. 64, grifo nosso)

Existem imaginários sociodiscursivos, não somente em nossa cultura e sociedade, que caracterizam a mulher homossexual como aquela que só apresenta tal “inclinação” por nunca ter experimentado o sexo com um homem. Isso se dá pelo modelo de sociedade em que vivemos ser estruturado sob uma concepção patriarcal e machista. Como pode uma mulher não se interessar sexualmente por um homem? Se isso ocorre, é porque ela está com medo, ou simplesmente porque ainda não foi “despertada”. Como ressalta Sobrinho (2015, p. 88),

Tal prepotência impede o entendimento da sexualidade feminina independente do homem e prescindindo dele. Para o pensamento heteronormativo, o prazer feminino vem em segundo plano e é inadmissível se for experimentado sem que o homem esteja presente como agente ativo. Nessa perspectiva, o macho é o tutor sexual, o que faz o desejo despertar, o que faz uma mulher ser uma mulher [...].

O discurso do namorado de Isaltina reflete tal imaginário, conforme visto no trecho destacado. Evaristo rompe com essa concepção ao dar prosseguimento a uma narrativa que revela que Isaltina manteve sua orientação sexual até o fim, ainda que reiteradamente exposta a imaginários sociodiscursivos que a impeliam a afirmar a sua sexualidade\sensualidade de mulher negra, muito bem marcado discursivamente, como se vê no excerto: “E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...”. Vemos aqui revelada a imagem de que mulher negra é fogosa, é “boa de cama” e tem desejos sexuais mais ardentes que as demais mulheres. Essa visão é difundida na literatura brasileira, tanto na poesia quanto na prosa, por meio de inúmeras personagens. Só a título de exemplo, podemos citar, na prosa, Rita Baiana (*O Cortiço* – Aluísio de Azevedo) e a negra Fulô, no poema *Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima.

Isaltina Campo Belo vivenciou esse episódio, mas não sabia ela que dor maior estava por vir. Se ela sofria emocionalmente por não poder ter sua orientação sexual reconhecida, agora ela teria seu corpo violado, agredido, violentado. E pior, tal prática ainda seria justificada por uma concepção sexista e racista embasada num imaginário impresso na memória coletiva que, como afirmou Charaudeau (2017), tem a função de tanto criar valores, como de justificar ações.

Esse meu pretenso namorado, ou melhor, pretensioso namorado, continuou me cercando. [...] Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e solidão de meu corpo. Diziam entre eles, que estavam me ensinado a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca contei para ninguém o acontecido. Só agora depois de trinta e cinco anos, nesse exato momento me esforço por falar em voz alta o que me aconteceu. Os mais humilhantes detalhes morrem na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças. Nunca mais voltei ao trabalho. Hoje eu reagiria de outra forma, tenho certeza, mas na época, fui tomada por um sentimento de vergonha e impotência. Sentia-me como o símbolo da insignificância. Quem eu era? Quem era eu? Depois apareceu a gravidez, uma possibilidade na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco. Tal era o estado de alheamento em que me encontrava que, que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo. [...] dentre cinco anos, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência? (EVARISTO, 2016, p. 65)

O feminismo negro tem como uma de suas pautas a quebra do silêncio das mulheres negras. A escritora caribenha-estadunidense, poeta e ativista e, como a si mesmo descrevia, feminista, negra, lésbica, “guerreira” e “mãe”, Audre Lorde (2017) afirma que as mulheres foram criadas para respeitar o medo, em vez de manifestarem por meio da linguagem suas necessidades e que, enquanto todas esperarem em silêncio por aquele luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar por engasgá-las. Isso porque é através da palavra que a sociedade vai tomar conhecimento das dores e dos desafios vivenciados pelas mulheres negras. Audre Lorde foi uma mulher que sentiu na pele o peso das opressões interseccionadas¹ de raça, gênero e sexualidade. O tempo todo era confrontada por ter identidades distintas e todas sujeitas à discriminação. Por isso mesmo defendia que não se pode negar uma identidade em detrimento da outra e que a sociedade precisava passar por uma transformação real. Essa feminista usou a palavra para denunciar tal contexto. Semelhante ato presenciamos fazer Conceição Evaristo, porém, pela via de uma literatura engajada, à qual ela prefere chamar de escrevivência.

No trecho do conto descrito acima, é possível observar a ruptura de um silêncio guardado por trinta e cinco anos. Ganha voz uma personagem, que diz estar contando à narradora do conto, apenas naquele momento, o que lhe ocorrera no passado. Parece algo simples, mas é de extraordinária representatividade. Essa quebra de silêncio remete a um grito de socorro que denuncia um fato que vem acontecendo ao longo dos séculos com as mulheres – a violência sexual decorrente de uma orientação sexual.

Ao relatar sua dor mais íntima, a personagem tem sua história ouvida. À sociedade, aos

¹ Tomamos, nesse texto, o conceito de interseccionalidade da feminista, pesquisadora e ativista afro-americana, kimberlé Crenshaw, que é um expoente nas discussões acerca da interseção de desigualdades. Segundo Crenshaw (2002, p. 175), a interseccionalidade, enquanto teoria, “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”. Com efeito, falar em interseccionalidade é tratar “da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, construindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento”.

leitores, é dito o que não se ouvia antes, já que, conforme Umberto Eco (2011), é uma das funções da literatura dizer explicitamente aquilo que socialmente jamais poderemos colocar em dúvida. A mulher afrodescendente sofre calada a violência em seu corpo e em sua alma simplesmente por não se enquadrar nos padrões heteronormativos. Dessa maneira, nesse episódio, é possível visualizar abertamente a interseccionalidade enquanto meio de “capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo”, conforme a definiu Kimberlé Crenshaw (2002, p. 7). Assim, a escrita evaristiana denuncia um cenário que acomete a todas as mulheres.

A cena descrita por Campo Belo, tão envolta em violência, tanto física quanto psicológica, é reveladora de um problema que sempre assola aqueles que não se encaixam nos padrões pré-estabelecidos por uma sociedade erigida sobre as bases da heterossexualidade – a homofobia. Segundo Rogério Junqueira (2013), a homofobia pode ser entendida como fenômeno social regido por preconceitos, discriminação e violência contra aqueles que de algum modo apresentem estilos de vida que dissonante às normas de gênero, à heteronormatividade. Nesse sentido, os sujeitos que percebem qualquer expressão contrária a essa matriz heterossexual, sentem-se no direito de punir, ou, na concepção deles mesmos, corrigir quem não se adequa, visto que se sentem amparados por uma mentalidade social heteronormativa.

Apesar de todo o sofrimento vivenciado por Isaltina, a personagem consegue dar a volta por cima. Tem em sua filha Walquíria um esteio para continuar a vida. Mas, como a protagonista mesma diz, “bons ventos também sopram” e, ao matricular a filha no jardim de infância, ela apreendeu “não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça” em direção a ela. Foi aí que o menino que habitava Isaltina havia crescido, e ela então faz uma rápida retrospectiva de todas as dolorosas situações pelas quais passara até aquele momento e descobre:

Não havia nenhum homem dentro de mim. [...] Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. (EVARISTO, 2016, p. 67)

Isaltina se dá o direito de viver plenamente sua sexualidade ao se conhecer melhor, “não havia nenhum homem dentro de mim”, possuindo agora uma consciência de gênero. Quando decide se entregar ao desejo por sua semelhante e ser desejada por ela, a personagem se entrega a um amor possível. Ao se reconhecer como mulher, “igual a todas e diferente de todas”, ela consegue preencher as lacunas internas que a impediam de ser feliz sexual e emocionalmente falando. Desse modo, ao concluir o conto com uma relação homoafetiva feliz e bem resolvida, a escrita de Evaristo rompe em definitivo com o imaginário que estava presente na fala e nas atitudes do jovem namorado de Isaltina e, com isso, a autora lança um novo discurso acerca da mulher negra, o de que esta também pode reconhecer sua lesboafetividade. Assim, esse conto

traz uma nova representação de mulher negra, que pode vir a se tornar um novo imaginário sociodiscursivo. Com efeito, como afirma Cordeiro e Barbosa (2015, p. 12):

[...] a escrita de Evaristo apresenta-se como uma proposta de positivizar, enaltecer, dignificar personagens que historicamente sempre foram colocadas à margem e quando estavam presentes na literatura canônica eram sempre tratadas com menosprezo, ridicularizadas, condenadas e colocadas no ostracismo.

Além disso, partindo de um olhar interseccional das opressões, ao propor um desfecho de superação, no qual se percebe o reconhecimento e a aceitação das identidades como elementos intrínsecos a um bem-estar psíquico e social, podemos afirmar que essa escrita traz representações que caminham em direção ao empoderamento das mulheres negras. Veementemente defendido pelo Feminismo Negro e Interseccional, o empoderamento passa pelo âmbito da “autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento de si e de suas mais variadas habilidades humanas” (BERTH, 2018, p. 14). Nesse sentido, uma escrita que viabilize tal olhar, estimula a emancipação do sujeito que se encontra carente de empoderamento.

Conclusão

As transformações pelas quais, ao longo dos séculos, passaram as sociedades não foram capazes de fazer com que a humanidade compreendesse que as idiosincrasias são inerentes aos seres humanos; portanto, a individualidade e a alteridade precisam ser valorizadas. Embora o escravismo como conhecemos no período colonial tenha sido superado, o racismo permanece. Não obstante o patriarcado seja constantemente questionado, sexismo e heterossexismo se mantêm ativos. Nesse contexto, a literatura engajada pode ser uma importante aliada na busca pela mudança desse cenário, onde preconceitos e estereótipos continuam determinando os modos de representação das mulheres afrodescendentes.

A escritora e ativista negra Maria da Conceição Evaristo, por meio de sua escrita literária, ou melhor, da sua escrevivência, abre espaço para que a voz das mulheres negras seja ouvida. Como a memória coletiva de um povo se estrutura a partir da linguagem, sendo mobilizada através da evocação do que Charaudeau denominou de imaginários sociodiscursivos, buscou-se com esse artigo investigar de que maneira a escrita de Conceição Evaristo aborda os imaginários sociodiscursivos da mulher negra por meio do texto literário. Assim, através de uma análise feita a partir do conto *Isaltina Campo Belo*, contrapomos trechos da obra com a teoria Semiolinguística, precisamente a questão dos imaginários sociodiscursivos, bem como com abordagens relacionadas à literatura engajada e ao feminismo negro e interseccional.

Os imaginários se apresentam como representações que permeiam a memória coletiva numa sociedade, evocando realidades. Nesse sentido, é válido refletir sobre o que diz Moreira (2011, p. 22) “existe um símbolo mulher negra que é padrão acionado nas mentes dos membros da sociedade brasileira todas as vezes que mencionamos essa categoria”, daí a necessidade de se compreender os objetos que são representados em dado grupo social e qual realidade evocam. Esse padrão acionado nada mais é do que os imaginários sociodiscursivos descritos por

Charaudeau. Por meio da análise do conto, foi possível constatar que os brasileiros continuam acionando mentalmente os imaginários sociodiscursivos da sexualização heteronormativa do corpo negro, decorrendo disso grande parte dos conflitos vivenciados pela protagonista no conto.

No contexto abordado, se o que se evoca são imaginários que não deveriam mais corresponder à realidade dos nossos dias, uma vez que o colonialismo e a escravidão de povos africanos já foram abolidos há mais de dois séculos, depreendemos que existe a necessidade de novas imagens e discursos serem mobilizados, bem como disponibilizados nos meios culturais com vistas à formulação de novos imaginários que não coloquem à margem as mulheres negras, e é justamente isso que faz Conceição Evaristo através de sua escrita literária engajada. É notável o engajamento literário da autora afrodescendente, visto que, seu texto reflete uma preocupação em recuperar a identidade negra através da cobrança de uma revisão histórica e representacional, como também por meio da denúncia das opressões interseccionais vivenciadas pelas mulheres negras, a exemplo da protagonista de seu conto, Isaltina Campo Belo. Logo, é assim que a autora abre espaço para que a voz subalterna da mulher afrodescendente seja ouvida, revelando velhos imaginários e propondo por meio do discurso que eles sejam ressemantizados, a fim de propor novas representações dessas mulheres capazes de trazer de volta humanidades negadas. Essa ressemantização é vista, sobretudo, quando a protagonista consegue compreender suas identidades e redirecionar sua vida a caminho da realização pessoal e da felicidade.

Foi possível perceber que a imagem da mulher negra continua atada aos moldes heteronormativos que a veem de modo lascivo e heterossexualizado, como se fosse inadmissível, ou “inexplicável”, uma jovem negra não se interessar pelo sexo oposto. Por conta dessa visão, a homofobia ganha força e permite que a violência sexual seja “autorizada”, como é possível ver na atitude do namorado de Isaltina, em companhia dos seus amigos, que se sentiam no “dever” de despertar a heterossexualidade da moça a qualquer preço, comentando entre eles que a “estavam ensinado a ser mulher” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Quanto à formação dos imaginários sociodiscursivos presentes no conto, tanto os que aparecem explicitamente, como aqueles que foram identificados de modo implícito no texto, foram construídos a partir de saberes de crença, remetendo a estruturas discursivas próprias do saber de opinião. Isso porque, como foi dito, os saberes de opinião “resultam de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é, então, ao mesmo tempo pessoal e partilhado” (CHARAUDEAU, 2017, p. 584). Ou seja, esses imaginários foram historicamente construídos; são oriundos de uma sociedade colonial, patriarcal e escravocrata, e foram circulando nos grupos sociais, sendo partilhados pelos brasileiros. Tais imaginários são “um julgamento de verdade por trás do qual se encontra um ver geral, uma crença popular anônima, como que emanando de uma voz que se encontra por sobre os sujeitos, [...] uma voz coletiva em relação à qual o sujeito se posiciona.” (CHARAUDEAU, 2017, p. 585).

É importante dizer que, segundo Charaudeau (2006, p. 117), “o sujeito falante não tem

outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e são configuradas como imaginários sociodiscursivos.” Desse modo, se não há novos imaginários que representem as mulheres negras, os sujeitos falantes recorrerão aos já existentes no âmbito discursivo. Daí a necessidade de construção de novos imaginários. Evaristo, portanto, revela e ressemantiza os imaginários sociodiscursivos da mulher negra no texto literário de sua autoria, e faz isso ao abrir espaço para a manifestação de subjetividades e múltiplas identidades, não permitindo que haja limitações nos modos de se representar discursivamente as mulheres negras.

Referências

AMOSSY, Ruth. *As imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2015.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha; BARBOSA, Julio César. A escrita negra feminina e lesboafetiva de Conceição Evaristo no conto Isaltina Campo Belo. *In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES*, 4., 2015, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Realize, 2015, p. 1-15. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunicacaooralhildaliafernandes.pdf>. Acesso em: 26/03/2019.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-23, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932/2910>. Acesso em: 25/07/2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documentos para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 26/03/2019.

DE MELLO, Renata Aiala. Especificidades e interseções entre os conceitos de imaginários sociodiscursivos, imagem de si, estereótipos e representações sociais. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA*, v. 2, n. 1, 2012. *Anais [...]*, Uberlândia: Edufu, 2012, p. 1-14.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: EDUSC, 2002.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*. Brasília, DF, ano 1, n. 1, p. 52-54, ago. 2005.

DUARTE, Constância Lima (Org.). *Mulheres em Letras* – Antologia de Escritoras Mineiras. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo*. 3. ed. São Paulo: Claridade, 2015.

GRILLO, Angela Teodoro. De lasciva a musa: a representação da mulher negra em versos de Gregório de Matos a Mário de Andrade. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 76-96, 2013.

HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher*. Mulheres negras e feminismo. 1. ed. 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 25/07/2019.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário - A normatividade em ação. *Retratos da Escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

LEENHARDT, Jacques. A Construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 259-268.

LORDE, Audre. *A transformação do silêncio em linguagem e ação*. 2017. Disponível em: <https://transformativa.wordpress.com/2017/01/31/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao-audre-lorde/>. Acesso em: 25/03/2019.

MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. *Revista Latino-americana de estudos do discurso*. Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 7-20, 2013. Disponível em: <http://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/50/52>. Acesso em: 13/06/2018.

MATOS, Gregório de. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

MOREIRA, Núbia Regina. *A organização das feministas negras no Brasil*. Vitória da Conquista: UESB, 2011.

SOBRINHO, Simone Teodoro. *A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras: estudos literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

Avanete Pereira Sousa (avanete@uol.com.br) é Professora Titular do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em História Econômica (USP). Mestre em História (UFBA) e Graduada em História (UESB). Na Graduação, tem se dedicado ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão nas áreas de História do Brasil Colonial e de História da Bahia, procurando dar certo destaque à relação História e Literatura.

Integra o quadro de professores dos Programas de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL/UESB) e do Mestrado Profissional em História. É autora de artigos e livros sobre a Bahia no período colonial.

Emanuela de Souza Cordeiro (professoraofle@gmail.com) é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e docente efetiva do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Baiano. É especialista em Estudos Linguísticos: leitura e produção de textos e graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atuou também como docente na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e na Universidade do Estado da Bahia.

NOTAS DE AUTORIA

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

SOUSA, Avanete Pereira; CORDEIRO, Emanuela de Souza. Imaginários sociodiscursivos da mulher negra: análise do conto Isaltina Campo Belo, de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 114-130, 2019.

Contribuição de autoria

Avanete Pereira Sousa: foi responsável pela orientação do trabalho de pesquisa que deu origem ao artigo. Acompanhou a coleta e a análise de dados, a elaboração do manuscrito, a redação e a discussão de resultados.

Emanuela de Souza Cordeiro: foi responsável pela concepção, coleta e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação e discussão de resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 29/03/2019

Revisões requeridas em: 03/07/2019

Aprovado em: 19/07/2019

